

O CONSERVADORISMO NA AMÉRICA LATINA: ANÁLISE DOS PROGRAMAS DE GOVERNO APRESENTADOS NAS ELEIÇÕES DA ARGENTINA DE 2011, 2015 E 2019

EL CONSERVADURISMO EN AMÉRICA LATINA: ANÁLISIS DE LOS PROGRAMAS DE GOBIERNO PRESENTADOS EN LAS ELECCIONES DE 2011, 2015 Y 2019 EN ARGENTINA

***João Roberto dos Reis de Souza**

Recebido em: 24/01/2021

Aceito em: 16/05/2021

Resumo

É amplamente reconhecida a ascensão da “Nova direita” na América Latina. Este artigo analisa as propostas de governo do segundo mandato de Cristina Kirchner (2011-2015), Mauricio Macri (2015-2019) e Alberto Fernández (2019 - atualmente) com objetivo de compreender o avanço da direita conservadora na Argentina. No aspecto metodológico, a pesquisa está embasada na análise qualitativa do conteúdo dos planos de governo apresentados nas campanhas eleitorais. A pesquisa concluiu que a Argentina sofreu influência da “Onda Azul” e a extrema direita não vigorou.

PALAVRAS-CHAVE: Conservadorismo na Argentina; Ideologias políticas na América Latina; Onda Azul.

Resumen

El surgimiento de la “Nueva Derecha” en América Latina es ampliamente reconocido. Este artículo analiza las propuestas de gobierno de la segunda legislatura de Cristina Kirchner (2011-2015), Mauricio Macri (2015-2019) y Alberto Fernández (2019 - actualmente) con el objetivo de entender el avance de la derecha conservadora en Argentina. En el aspecto metodológico, la investigación se basa en la técnica cualitativa de los planes de gobierno presentados en las campañas electorales. La investigación concluyó que Argentina fue influenciado por “Onda Azul” y la extrema derecha no prevaleció.

PALABRAS-CLAVE: Conservatismo na Argentina; Ideologías políticas en América Latina; Onda Azul.

1 Introdução

O fenômeno da ascensão da “extrema direita” (IGNAZI, 2003) inicialmente na Europa que, posteriormente, alastrou-se pela América do Norte e mais tarde na América Latina, levou muitos pesquisadores a se interessarem na compreensão deste acontecimento, bem como suas características e consequências (RUNCIMAN, 2018; NORRIS, INGLEHART, 2019).

A presente pesquisa investigou o avanço da novadireita (KITSCHOLT; MACGAAN, 1995) na América Latina com o estudo de caso específico na Argentina em três períodos eleitorais distintos no período da história recente. Esta pesquisa parte do princípio de inúmeras outras análises e pesquisas políticas que tendem a concluir quanto à derrocada da democracia liberal e ao

surgimento de regimes políticos autoritários escolhidos via procedimentos democráticos (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018; ZIBLATT, 2018; RUNCIMAN, 2018; MOUNK, 2019).

[...] As quatro democracias mais populosas do mundo são hoje governadas por populistas autoritários. [...] A eleição de Donald Trump para a Casa Branca foi a manifestação mais aparente da crise da democracia [...] (MOUNK, Y; 2019).

A eleição do republicano Donald Trump para a Casa Branca, em 2017, segundo Mounk (2019), representou o ápice da crise da democracia no mundo, pois pela primeira vez a democracia mais antiga e poderosa do continente americano elegeu um presidente abertamente anti-sistêmico, autoritário e anti-democrático [1].

Este acontecimento não foi um fato isolado. Pelo contrário, foi uma fórmula criada na Europa, caso da Hungria, com o Primeiro-ministro Viktor Mihály Orbán, da Polônia, com o Presidente Andrzej Sebastian Duda, e da Turquia, com o presidente Recep Tayyip Erdoğan. Esta dinâmica vem sendo reproduzida em outros lugares, como na América latina.

É amplamente reconhecido que foi modificada a configuração ideológica do Cone-Sul latino-americano. Nas últimas décadas, a esquerda e a centro-esquerda latino-americana vêm perdendo força após o seu ápice com a “onda rosa” (VIANA; BRATILIERE, 2018) a qual deu lugar à chamada “onda azul”, fenômeno caracterizado como a ascensão de inúmeros governos de direita e centro-direita no poder. Assim, o conservadorismo da nova direita é um elemento que tem constituído o campo político latino-americano no período de redemocratização, pós-

ditadura. Com isso em vista, o objetivo desta pesquisa é analisar como se deu essa mudança ideológica da América Latina por meio da análise dos programas de governo das eleições presidenciais dos anos de 2011, 2015 e 2019 na Argentina.

Esta pesquisa entende o conservadorismo como um dos principais aspectos da ideologia da direita para a sua ascensão. Dessa forma, cabe questionar: como se deu essa mudança ideológica na Argentina? Por que mesmo com as tradições Peronistas e Kirchneristas a Argentina elegeu Mauricio Macri?

Dessa forma, após a apresentação da metodologia adotada nesta pesquisa, o texto se propõe a discutir, brevemente, a Democracia representativa e sua ruptura. Em seguida, a diáde ideológica a partir de Bobbio (1995) e o conservadorismo, para então, por fim, apresentar onda conservadora no continente Latino-americano com ênfase na Argentina. Por último, as considerações finais acerca dos planos de governo 2011, 2015 e 2019.

2 Metodologia

Objetivando analisar o avanço da direita conservadora na Argentina, coletou-se, exclusivamente via internet, materiais dos planos de governo apresentados nas eleições presidenciais de 2011, 2015 e 2019. Portanto, esta pesquisa se utiliza da técnica qualitativa e da análise de conteúdo. Sobre estas metodologias, refere Gil(2017):

A análise de conteúdo pode ser quantitativa ou qualitativa. Para a análise quantitativa, foram desenvolvidos softwares, como o Sphinx, que possibilitam referenciar as unidades lexicais nos textos e enumerar automaticamente suas ocorrências. Dessa forma, torna-se possível descrever com precisão fenômenos tais como atitudes, valores e representações e ideologias contidas nos textos

analisados. (GIL, 2017, p. 90).

Após a coleta de dados dos programas de governos e discursos e, com o auxílio do Nvivo, realizou-se a busca “pelas palavras ocorrentes” e, assim, foi possível identificar valores e, portanto, as categorias de análise para esta investigação.

Um conjunto de técnicas de análises das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p. 37).

Ademais, foi possível explorar estatisticamente a ocorrência de determinadas palavras, por exemplo, a observação de quantas vezes ocorre a categoria “estado”, por meio da ferramenta word cloud. Assim, pode-se identificar as palavras combinatórias usadas para se referir a esta determinada categoria.

3 Democracia Representativa

O conceito de Democracia não é fácil de ser definido devido a sua amplitude e às ressignificações que sofreu ao longo dos anos. No campo da teoria política contemporânea, para Bobbio (1987), a democracia se constitui através do cumprimento das regras que definiu: todos os cidadãos que tenham alcançado a maioridade etária sem distinção de raça, religião, condição econômica, sexo, devem gozar de direitos políticos [...]; o voto de todo o cidadão deve ter igual peso; todos aqueles que gozam dos direitos políticos devem ser livres para votar [...]; devem ser livres também no sentido de que devem ser colocados em condições de escolher entre diferentes soluções [...];

seja para as eleições, seja para as decisões coletivas, deve valer a regra da maioria numérica [...]; nenhuma decisão tomada por maioria deve limitar os direitos da minoria. Então, a Democracia deve ser neutra em relação aos seus participantes. Os caminhos contemporâneos do declínio das democracias são marcadas de trajetórias mais lentas e sutis, “[...] um golpe de Estado não deixa dúvidas sobre a ruptura institucional, sendo esta a “única maneira de assegurar a obediência” (RUNCIMAN, 2018). Anteriormente, nas décadas de 1930 e 1970 a ruína das democracias se davam de outras formas: um golpe de estado com tanques de guerra nas ruas, soldados armados perseguindo opositores e palavras de ordem proferidas pelos ditadores, por consequência, não havia a menor dúvida de que tratava-se de uma ruptura dos regimes democráticos. À vista disso, é possível exemplificar este cenário com um momento histórico com a ditadura argentina que colocou fim no governo de Isabelita Perón em 1976. Instalou-se uma ditadura militar através de um golpe de estado organizado pelas três forças armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica) argentina.

Certos de que a democracia liberal tratava-se do melhor regime político já alcançado, Fukuyama (1989), sob o cenário político da queda do muro de Berlim e com o fim dos regimes tidos como comunistas, afirmou “chegou-se ao fim da história”. A tese era de que a evolução ideológica da humanidade havia chegado ao fim devido ao desenvolvimento das democracias liberais e do livre capitalismo de mercado, pois era a combinação mais sofisticada já alcançada na história da humanidade.

Por outro lado, frisa-se a concepção das limitações da democracia liberal que encontra-se atualmente, que

por sua vez é incapaz de conter as expressões autoritárias, bem como responde com pouca eficácia [2]. Viktor Orbán, Donald Trump e Jair Bolsonaro são exemplos desse cenário político. Então, desde o fim da Guerra Fria, a derrocada da Democracia se dá inicialmente por meio das urnas, ou seja, por governos eleitos democraticamente (LEVITSKY, ZUBLATT, 2018; RUNCIMAN, 2018; MOUNK, 2019; SYNDER, 2019).

Para explicar essa diferenciação, Runciman (2018) postula três grandes fatores que diferenciam esta crise democrática das anteriores: a violência política que, embora seja constante, as democracias ocidentais atualmente mostram-se mais pacíficas, a ameaça de uma grande calamidade já não causa tanta tensão como anteriormente e a revolução tecnológica, os atores políticos que podem utilizá-las nas brechas dos procedimentos democráticos para atingir benefícios eleitorais e que descentralizou a comunicação e compartilhamento de notícias.

Com isto posto, é possível dizer que a democracia liberal é passível colapso com suas instituições em pleno funcionamento, Mounk (2019) chama este fenômeno de desconsolidação da democracia, bem como atribui a ascensão de Donald Trump ao cargo de presidente da República aos Estados Unidos, em 2016, o ápice da crise democrática no globo. “A presidência de Trump vem suscitando muitas comparações com tiranias do passado.” (RUNCIMAN, 2018, p. 7).

4 O significado de Direita e Esquerda na Díade ideológica

A definição ideológica de direita e esquerda não é algo tão simples tendo em vista que estes conceitos

passaram por mudanças ao longo da história da humanidade. A Revolução Francesa é o ponto de partida destas construções ideológicas. A Assembleia dos Estados Gerais foi instituída com o objetivo de decidir os rumos da França após as grandes revoltas de 1789. No salão em que a Assembleia reuniu-se, dois grupos principais debatiam. Do lado esquerdo estavam aqueles alinhados à baixa burguesia e aos trabalhadores representados pelos Jacobinos. Do lado direito, estavam aqueles que queriam a conciliação com a nobreza e a alta burguesia, que por sua vez eram representados pelos girondinos. Por fim, no centro estavam aqueles que mudavam frequentemente de posicionamento de acordo com os interesses.

Para Bobbio (1995), direita e esquerda não são conceitos absolutos. Tratam-se de conceitos opostos e relativos que sofrem modificações ao longo do tempo. [...] “o fato de direita e esquerda representarem uma oposição [...] não diz nada sobre o conteúdo das duas partes contrapostas” (BOBBIO, 1995; p. 91-92). A oposição permanece mesmo que os conteúdos dos dois opostos possam mudar, dessa forma é necessário contextualizar e analisar o que se considera como direita e esquerda. Ainda sim, “direita” e “esquerda” continuam a servir como pontos de referência indispensáveis para a compreensão da política.

Para Alcántara Sáez (2008), há vários eixos que definem as ideologias de esquerda e direita, sendo o mais significativo a noção entre liberdade e igualdade. A liberdade está mais atrelada às ideias da direita e, em contrapartida, a igualdade está mais vinculada ao conceito da esquerda. Para Bobbio (1995), “[...] os conceitos de

liberdade e de igualdade não são simétricos. Enquanto a liberdade é um status da pessoa, a igualdade indica uma relação entre dois ou mais entes. [...] a liberdade pode ser considerada um bem individual, diversamente da igualdade que é sempre apenas um bem social” (1995, p. 129). O autor argumenta que a esquerda entende que as desigualdades são sociais e passíveis de redução. Para a direita, as desigualdades de fato existem, mas concebem de forma natural; são, portanto, impossíveis de serem eliminadas as relações de classe.

Para além das definições conceituais de direita e esquerda, cabe pontuar que a aplicação de um posicionamento dentro deste espectro ideológico se dá mediante a posição (opinião) do indivíduo sobre determinadas temáticas valorativas [3], mas, de forma geral, o conservador se opõe ao progressista.

Para Boisard (2018), a concepção de direita na Europa e na América Latina não é a mesma. Na Europa, a direita nasce de uma tradição contra-revolucionária, enquanto que na América Latina, ela surge de um movimento anti-colonial. Essa mesma direita latino-americana passa a se identificar, a partir da década de 1930, com vias nacionalistas e autoritárias. Além disso, ela se caracteriza pela divisão entre liberais e conservadores.

5 Conservadorismo

A matriz ideológica do conservadorismo é, reconhecidamente, o pensamento de Edmund Burke que teceu duras críticas a Revolução Francesa:

O acontecimento de 1789 foram, na sua visão, um atentado ao mais elevado patamar civilizacional que a humanidade já havia alcançado: as instituições e tradições do antigo regime. [...] A revolução na França, em contraste, haveria

realizado uma ruptura abrupta, desnecessária (“fútil”) e violenta com as heranças da tradição. A partir de interesses acusados de serem particularistas, a sociedade francesa teria sido violentada e devastada por revolucionários inconsequentes. (SOUZA, J. M. A., 2016, p. 3).

Por outro lado, já considerando o conservadorismo moderno, segundo Souza (2015), tem-se:

Oakeshott define o conservadorismo moderno não como uma crença nem uma doutrina, mas uma forma de ser e estar. Ser conservador significa uma inclinação a pensar e a comportar-se de determinada forma; é preferir certas formas de conduta e certas condições das circunstâncias humanas a outras; Assim, ser conservador é preferir o familiar ao desconhecido, preferir o tentado ao não tentado, o facto ao mistério, o real ao possível, o limitado ao ilimitado, o próximo ao distante, o suficiente ao superabundante, o conveniente ao perfeito, a felicidade presente à utópica. [...] Para além disso, ser conservador não é apenas ser avesso à mudança [...] é também a forma de nos adaptarmos às mudanças, algo que foi imposto a todos os homens. (OAKESHOTT, 2014 apud, SOUZA, 2015 p. 4-6).

Em síntese, o conservadorismo moderno pauta-se fundamentalmente na manutenção das tradições sociais, na construção da autoimagem e na individualização. Portanto, de acordo com as vertentes elencadas sobre ideologias políticas e conservadorismo, é possível dizer que esta direita conservadora se apresenta como:

Assim, uma das principais características da “nova direita” é a instituição do Estado mínimo (GIDDENS, 1996, p. 44), com ações políticas em torno de privatizações e de desregulamentação do setor produtivo, visando um “livre mercado” (BRESSER PEREIRA, 1992, p. 230-238).

Como isso se aplica no continente da América Latina? Então, a seguir veremos como se procede esse

processo no caso do continente latino-americano.

6 A onda conservadora na América-latina

Para compreender como se desdobrou a crise democrática, é necessário recorrer aos antecedentes históricos. Iniciado o regime democrático na década de 1970 na América Latina ainda é tido como embrionária por diversas razões, contudo, destaca-se dois principais pontos: de acordo com Hochstetler (2007), 23% dos presidentes latino-americanos eleitos democraticamente desde a década de 1970 até 2003 foram obrigados a deixar seus cargos antes do fim de seus mandatos.

O segundo ponto, de Negri (2008), argumenta que os programas de esquerda sofreram um processo de não-consolidação devido às mudanças políticas globais, à consolidação da hegemonia neoliberal, à globalização e às relações de dominação entre países centrais e a periferia (IBARRA, 2011) exercidas através da política internacional e da economia. Segundo Negri, “A análise histórica mostra que, na democracia latino-americana, nunca foi possível o desenvolvimento completo de um programa de governo esquerda” (NEGRI, 2008, p. 1).

Ainda segundo o autor, o processo de realocação no espectro político-ideológico está associado, para além dos contextos locais, ao cerceamento de tentativas de transformações estruturais que visavam à ruptura com a lógica e a manutenção do livre mercado (NEGRI, 2008, p. 17).

Soma-se a isso outros fatores, de acordo com Casas(2016), a ascensão dos governos de centro-esquerda e esquerda se deve ao descontentamento da sociedade com

fracasso das políticas econômicas neoliberais dos governos anteriores que foram marcadas por privatizações, choques de abertura comercial, desregulamentação (COUTINHO, 2006)e culminou na intensificação da desigualdade social. Isto é, na América Latina, o início da década de 1990 ficou marcada, principalmente, pela tentativa de recuperação econômica após a desastrosa experiência gerada pela “crise da dívida” na década anterior.

Então, à vista disso, no fim da década de 90 e no início dos anos 2000, houve uma guinada à ideologia de esquerda na América Latina, a qual convencionou-se chamar de “Onda rosa”. Este fenômeno consistiu na ascensão de inúmeros Presidentes alinhados à ideologia de Centro-Esquerda e Esquerda no Cone-Sul latino-americano. Assim foi na Argentina com Néstor Kirchner (PJ).

Por outro lado, Menezes (2008) defende que a Onda Rosa nasce em decorrência do esgotamento dos modelos liberais de manutenção do status quo, sendo uma mera coincidência o resultado eleitoral nesta região. Este fenômeno foi “um movimento plural com diversas características semelhantes mas que, devido a especificidades locais, fica evidente que se trata de um fenômeno heterogêneo” (ARANTES, 2016, p. 64).

O saldo da “onda rosa” foi um olhar mais integrado e autônomo da América Latina, redução das desigualdades sociais, que, de acordo com Fuser (2018), foi interrompido pelo golpismo implementado pela burguesia local em vários países do Cone-Sul com suas variações locais e explica:

O golpismo da burguesia pode ser explicado por sua opção estratégica pela associação com o capital externo e pela renúncia a qualquer projeto autônomo de

desenvolvimento nacional e regional, conforme analisa (FUSER, I., 2018, p.10).

Então para Fuser (2018), não há um fimdo ciclo da “onda rosa” — pelo contrário, este discurso legitima a ascensão dos governos da “onda azul”. Houve uma ruptura dos governos de esquerda e centro-esquerda da América Latina por parte das elites e burguesias locais que por sua vez ascenderam ao poder sob a implementação de golpes e na construção de discursos dos erros cometidos pelos governos anteriores, não havendo um projeto definido de governo.

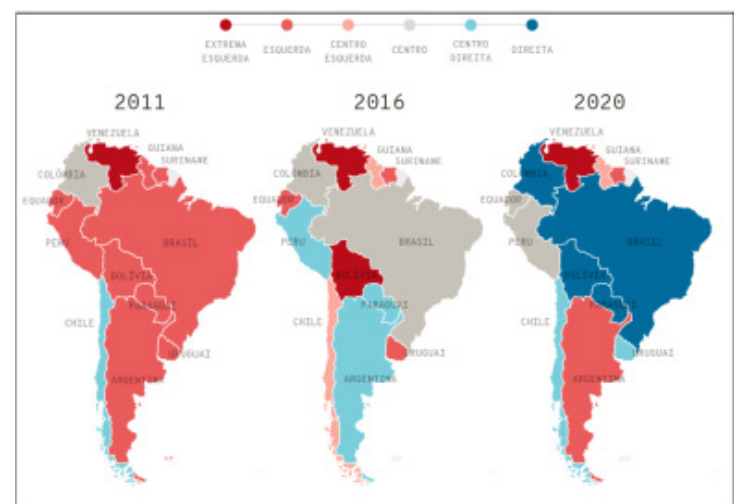
Conforme exposto, a direita conservadora ascendeu com o passar do tempo no Cone-Sul da América Latina. Marcos Nobre (2018) afirma que um dos desdobramentos políticos dos últimos anos foi o desenvolvimento de um projeto de pretensões globais de construção de uma nova internacional conservadora. A esquerda vem perdendo força progressivamente na América Latina em detrimento do avanço da direita. “[...] O desgaste da esquerda e a insatisfação popular com os governos e as medidas por estes adotadas, parece uma tendência cada vez mais frequente entre esses países, resultando na procura pela oposição como forma de promover uma possível mudança” (BRATILIERE; VIANA, 2018).

Aesse deslocamento no espectro ideológico político no cone Sul convencionou-se chamar popularmente de “onda azul”. A Argentina passou a ser governada por Mauricio Macri (PRO) em 2015, o Chile por Sebastián Piñera (RN) em 2018, o Peru por Pedro Pablo Kuczynski (PPK) e, posteriormente, Martín Vizcarra (PPK), na Colômbia de Gustavo Petro (MP) para Iván Duque (CD),

no Paraguai, tem-se Mario Abdo Benítez (PC) e no Brasil, estava-se sob o governo da ex-Presidente reeleita Dilma Rousseff (PT) que, por sua vez foi destituída de seu cargo, e colocado o governo ideologicamentede centro-direita com Michel Temer (PMDB) o qual foi substituído, via eleições em 2018, por Jair Bolsonaro (PSL), alinhando o Brasil à extrema direita, pois “Bolsonaro entende a si mesmo como líder de uma revolução conservadora” (NOBRE, 2018).

Destaca-se que, para esta pesquisa, embora Macri constitua a onda azul, não foi enquadrado como um político da extrema direita. Em relação a Bolsonaro, que por sua vez, possui um discurso antipolítico de extinção da esquerda [3], Macri não polariza as discussões, por exemplo. Dessa forma, é possível enquadrar Macri na posição de centro-direita devido seu posicionamento e propostas de governo, conforme será melhor explanado.

Imagem 1 - Transformação ideológica de 2011 a 2020 no continente Latino-americano



Fonte: infográfico da Gazeta do Povo, 2019.

7 Aguinada da Direita na Argentina

A Argentina tem uma tradição notoriamente

peronista e kirchnerista — entendido como ala mais à esquerda do movimento peronista — devido a sua constituição. O peronismo é tido como um movimento político amplo e complexo, onde cabem várias bandeiras do espectro ideológico da direita à esquerda, incluindo os militares (MAZZOLA, 2016).

O Peronismo começa com Juan Domingo Perón (1945-1955), que foi o protagonista das maiores greves platinas nos anos 1960 e da luta armada nos anos 1970. Seu discurso era pautado principalmente nos eixos nacionalista, anticapitalista e da promoção da equidade social, e isso o levou à vice-presidência por duas vezes presidente da Argentina. Na primeira vez, obteve 52,4% dos votos, e, segundo Horowicz (2019), governa em um momento de mudança de ordem econômica mundial, no pós-Segunda Guerra, com uma agenda de valorização da indústria nacional e de justiça social. Ele se reelege em 1952, com 62% dos votos, e governa até um novo golpe militar em 1955, quando se exila em Madri. O Peronismo passou por diversas transformações desde então.

No final dos anos de 1950, segundo Altamirano, a esquerda argentina passou por uma mudança na qual passou a se estruturar no discurso anti-imperialista [4], assim já não compreende o peronismo como um movimento autoritário, mas sim como um movimento de cunho de libertação nacional do povo. Com isso em vista, a esquerda e o peronismo se aproximam, contudo, sem abdicar dos militares.

Para Horowicz (2019), existem quatro tipos de peronismo. O primeiro peronismo vai de 1945 a 1955 que constitui-se com uma mobilização em defesa do coronel Perón preso; o segundo peronismo é pautado na

resistência, no enfrentamento constante com os poderes estabelecidos, é um peronismo que não se descola de um estreito segmento, o movimento trabalhador, muito ligado aos sindicatos; no terceiro peronismo se produzem grandes mobilizações populares e, em 1973, regresso definitivo de Perón à pátria, com uma mobilização de 2 milhões de argentinos, conta-se que de um de cada três votantes se mobilizaram em seu favor; e o quarto peronismo seria um movimento sem ligação histórica com o peronismo em si, apenas pessoas que admiram a Perón e sua trajetória.

Para além disso, o sociólogo Horowicz (2019) afirma que o peronismo tem perdido força paulatinamente. A principal base constitutiva do peronismo são os sindicatos e atualmente os trabalhadores argentinos não têm se identificado e se definido politicamente com este movimento.

Outro fator significativo, conforme já mencionado, foi a força política do movimento kirchnerista que surge com Néstor Kirchner [5] que, por sua vez, foi responsável pela formulação e implementação do neodesenvolvimentismo da década de 1990, bem como a estabilização econômica, após uma época de inflação e o pagamento das dívidas com o FMI (NETO, 2016).

A primeira vitória eleitoral presidencial de CFK foi em outubro de 2007, o qual obteve 45% dos votos total. Cristina Kirchner se beneficiou da gestão de seu antecessor, bem como deu continuidade ao plano de governo. A vitória da chapa kirchnerista só foi possível de acordo com o “[...] polifacético de los acuerdos del gobierno nacional con fuerzas políticas de todo el país sin mayores bases programáticas” (SIDICARO, 2011). Mostra-se ainda a força decisiva do Peronismo.

CFK había sido electa en 2005 senadora por la Provincia de Buenos Aires, cargo al que renunció en 2007 para competir por la presidencia de la Argentina. [...] destacado como ferviente opositora al segundo mandato en el poder ejecutivo de Carlos Saúl Menem (1995-1999). Si bien esa trayectoria resultaba un antecedente favorable para su aspiración a la presidencia, el hecho de que el presidente saliente, Néstor Kirchner, fuese su marido, contara con altos índices de popularidad y estuviese facultado para aspirar a la reelección planteaba varios desafíos a la construcción discursiva de su imagen pública. (VITALE; MAIZEL, 2011, p. 2).

Para Angelis (2015), o segundo mandato de Cristina Kirchner (2011-2015) consagra o seu triunfo eleitoral: “tiene una legitimidad electoral pocas veces vista en la historia reciente, que sobresale aún más por la dispersión de la oposición.” (2015, p. 10).

[...] Después de las elecciones Cristina Fernández de Kirchner se ha comprometido seguir desarrollando los programas sociales: incrementar las pensiones y prestaciones por niños, subsidiar los servicios comunales y los de transporte. Hoy día cada quinto argentino recibe una subvención social del Estado. (KARAJÁNOVA, 2012, p. 98).

Na visão de Mazzola (2016), nos anos kirchneristas — e diferentemente do ocorrido nas décadas de 1940-50 —, o socialismo não flexibilizou sua identidade e adotou o discurso de que tudo era permitido para derrotar os governistas. “Adotando uma posição que não negava os avanços — que, em termos de igualdade, impulsionavam os governos kirchneristas —, mas sim as características

Imagem 2 - Nuvem de palavras do Programa de governo de Cristina Kirchner



Fonte: Elaboração própria através do software Nvivo, 2020

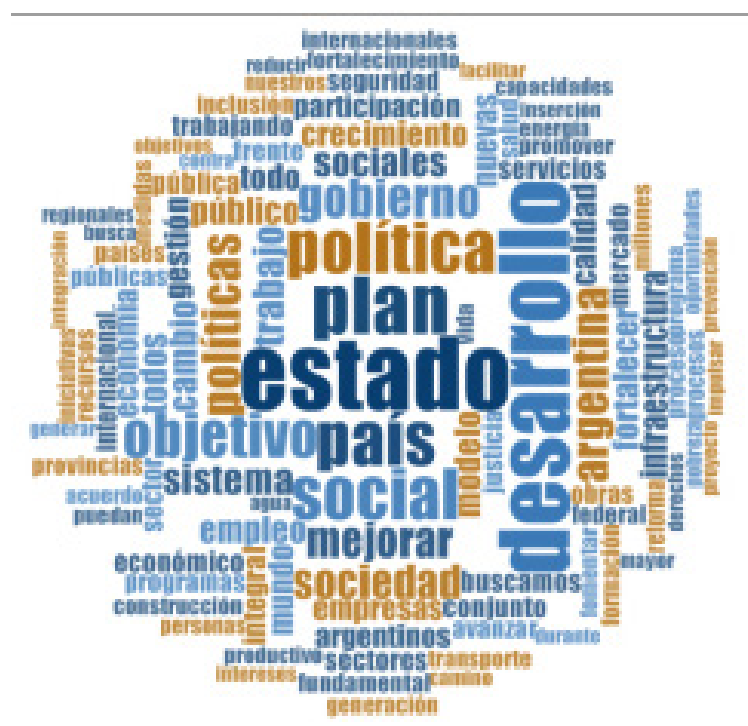
discricionárias e pouco republicanas de sua gestão, que afetam muitas das políticas de igualdade empreendidas, o PS tornou-se o eixo de uma coalizão de forças de esquerda democrática – a Frente Ampla Progressista (FAP) –” (MAZZOLA, 2016, p. 7), assim obteve a segunda maior votação nas eleições presidenciais de 2011.. Seu plano de governo (2011-2015), pode ser resumido nesta nuvem de palavras abaixo:

Mauricio Macri [5] (PRO) venceu as eleições, em outubro de 2015, com 51,34% dos votos, e colocou fim nos doze anos de governo dos Kirchner. A “Era K” foi iniciada por Nestor Kirchner que adotou uma política nacional-desenvolvimentista ao contrário de seu antecessor Carlos Menem. Todavia, para entender esta ascensão é necessário recorrer ao passado recente da Argentina e a biografia de Macri. No que tange à trajetória de Mauricio Macri, de acordo com os registros da Casa Rosada, graduou-se em engenharia civil pela Universidade Católica da Argentina.

É empresário. Iniciou sua carreira profissional no meio privado nas indústrias automotivas. Foi presidente do Club Atlético Boca Juniors. Tentou a candidatura para prefeito de Buenos Aires, sem sucesso. Em 2005, foi eleito deputado federal e em 2007 assumiu a prefeitura de Buenos Aires, sendo reeleito em 2011. Em 2015 tornou-se o 56º presidente da Argentina, não peronista e não radical, depois do retorno da democracia na Argentina, em 1983.

Macri muniu-se de seu capital social — devido sua presidência no Boca Juniors —, de uma campanha eleitoral espetacularizada (SANTOS, 2016), de um plano de governo conservador e sobretudo “[...] conseguiu, pela primeira vez na história do país, chegar ao cargo de presidente da República com uma estratégia econômica declaradamente liberal através do voto popular.” (FREITAS, CRESPO; 2019, p. 2).

Imagem 3 - Nuvem de palavras do Programa de governo de Mauricio Macri.



Fonte: Elaboração própria através do software Nvivo, 2020

Esta mesma combinação levou o Governo Cabiemos a um desastre econômico. Para elucidar a situação, Macri fechou sua gestão “[...] com quebra no PIB, o ano de 2018 fechou com uma queda abrupta do nível de atividade, o nível de desemprego em alta, 27%” (Ministerio de Salud y del Desarrollo Social, 2019 apud FREITAS, CRESPO, 2019). Seu plano de governo pode ser resumido na nuvem de palavras abaixo:

Já nas eleições presidenciais de 2019, Alberto

Imagem 4 - Nuvem de palavras do Programa de governo de Alberto Fernández.



Fonte: Elaboração própria através do software Nvivo, 2020

Quadro 1- Quadro analítico dos Programas de governo apresentados nas campanhas presidenciais dos anos 2011, 2015 e 2019

QUADRO COMPARATIVO DOS PROGRAMAS DE GOVERNO DA ARGENTINA			
CATEGORIAS	2011	2015	2019
Estado	Fortalecimento institucional	Modernização, redução e empreendedorismo	Fortalecimento institucional
Economia	Inclusão social	Ncoliberal com foco na exportação	Equidade social
Segurança	Fortalecimento das políticas de segurança pública	Desarmamento e justiça	Reestruturação da política de segurança pública
Valores	Progressista	Conservador	Progressista

Fonte: dados dos planos de governos de 2011, 2015 e 2019, elaboração do autor, 2020.

Fernández (PJ) — junto de Cristina Kirchner, como vice-presidente, formaram a coalizão (peronista e kirchnerista) de esquerda Frente de Todos. Conseguiram derrotar Mauricio Macri (PRO) com 48,1% dos votos, enquanto o ex-presidente obteve 40,37% dos votos. O Plano de governo apresentado por Fernández é alinhado mais à esquerda em relação ao Governo de Mauricio Macri. Seu plano de governo pode ser resumido na nuvem de palavras abaixo:

O objetivo do quadro acima foi sintetizar os principais temas dos programas de governo de cada presidencial no qual é possível notar seus contrastes e possíveis similitudes e aproximações. Conforme o quadro, o Governo de Kirchner (2011) se aproxima mais do Governo Alberto Fernandez (2019) situando-se mais à esquerda devido ao caráter de inclusão social

e valores progressistas. Em contrapartida, o Governo de Mauricio Macri pode ser colocado mais afastado dos governos citados. Isto é, devido aos valores conservadores e econômicos, Macri encaixa-se mais à direita no espectro político, contudo, não sendo extremista, pois não possui elementos radicais e anti-políticos.

8 Considerações finais

Apropostadestapesquisafoianalisaroavançodanova direita(KITSCHOLT; MACGAAN, 1995) conservadora na América Latina com ênfase no caso da Argentina. A onda azul no continente latino-americano continua significativa e oferece elementos para pensar novos desdobramentos sobre as ideologias políticas e sobre o capitalismo.

Considera-se que, para esta pesquisa, nem todos os objetivos e metas apontados nos planos de governos

apresentados pelos candidatos, são de fato implementados durante as gestões. Porém, os planos de governo são referenciais de uma base ideológica do candidato, por isso a sua escolha como objeto de estudo.

A ascensão de Macri à presidência na Argentina pode ser explicada por um conjunto de fatores, a começar pelo contexto político latino-americano que evidentemente a Argentina está inserida, ou seja, o fenômeno da onda azul. Também contribuem para tal a derrocada da democracia liberal (MOUNK, 2019) e, conseqüentemente, a brecha para ascensão de governos conservadores. Somado a estes elementos têm-se a perda da força dos movimentos peronista e kirchnerista (HOROWICZ, 2019). Ademais, pelo grande espetáculo de sua campanha eleitoral (SANTOS, 2016). E, sobretudo, a prevalência do interesse pela manutenção do livre mercado (NEGRI, 2018).

Por outro lado, cabe destacar também que pode-se dizer que a eleição de Alberto Fernández (2019 - atualmente) revela o caráter mais centrado à esquerda da Argentina. Para além disso, a esquerda argentina ainda encontra-se com os mesmos desafios de décadas passadas de construção de uma identidade própria e a decisão de apostar no longo prazo na qual deve-se abdicar então as uniões/coalizões de governos imediatas.

9 Notas

*Graduando em Sociologia na Universidade de Brasília (UnB).

E-mail: joaoroberto.pol@gmail.com

[1] Campanha de Donald Trump baseada em discursos preconceituosos e anti minorias. <[https://oglobo.globo.com/mundo/artigo-trump-exclui-minorias-com-](https://oglobo.globo.com/mundo/artigo-trump-exclui-minorias-com-promessa-de-volta-da-grandeza-dos-eua-19317492)

[promessa-de-volta-da-grandeza-dos-eua-19317492](https://oglobo.globo.com/mundo/artigo-trump-exclui-minorias-com-promessa-de-volta-da-grandeza-dos-eua-19317492)>

[2] Conforme exposto, a Democracia possui o caráter neutro em relação aos seus participantes, por consequência não espera-se que iniba qualquer expressão, se o assim fizer distancia-se o caráter democrático. Por outro lado, destaca-se que esta marca pertence aos regimes de característica autoritária.

[3] Valores como religião, posse de arma, a ideia de justiça, igualdade de gênero, classe social, raça/etnia e etc

[4] O anti-imperialismo trata-se de um conjunto de ideias e mecanismos que se opõem ao Imperialismo que, por definição, trata-se da procura da efetivação das políticas de domínio territorial, cultural ou econômico sobre outras regiões geográficas.

[5] “Vamos fuzilar a petralhada”, diz Bolsonaro em campanha no Acre. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/vamos-fuzilar-a-petralhada-diz-bolsonaro-em-campanha-no-acre/>>

[6] Foi 54º Presidente da Argentina (2003-2007), foi governador de Santa Cruz (1991-2003) e Prefeito de Río Gallegos (1987-1991). Além disso, foi Presidente do Partido Justicialista entre 2008 e 2010. E marido de CFK.

10 Referências

ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos estud. CEBRAP** vol. 38 no.1 São Paulo Jan./Apr. 2019 Epub May 06, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002019000100010&script=sci_arttext.

ALTAMIRANO, Carlos. Peronismo y cultura de izquierda en la

Argentina (1955-1965). In.: **Peronismo y cultura de izquierda**, Siglo xxi, Buenos Aires, 2011, p. 96.

ARANTES, Pedro Casas Vilela Magalhães. *Grandes transformações na América Latina? A onda rosa, a Bolívia e o contramovimento*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2016.

BARDIN, Laurence. (1977). **Análise de conteúdo**. Lisboa: Almedina.
BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. 1995.

BOHOSLAVSKY, Ernesto. *Os partidos de direita e o debate sobre as estratégias anticomunistas (Brasil e Chile, 1945-1950)*.

Varia hist. vol.30 no.52 Belo Horizonte Jan./Apr. 2014.
Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752014000100003.

CASA ROSADA. **Biografía del Presidente Mauricio Macri**. Disponível em: <https://www.caserosada.gob.ar/el-presidente/biografia>.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura: a crise da democracia liberal**. Rio de Janeiro, Zahar, 2018.

CUEVA, Agustín. *A guinada conservadora*. In: CUEVA, Agustín (org.). **Tempos Conservadores**. Tradução de Fátima Murad. São Paulo: Editora Hucitec, 1989.

FREITAS, Alexandre Jeronimo de; CRESPO, Eduardo. *Da vitória à crise: uma análise das políticas econômicas do governo Macri (2015-2019)*. In: **XXIV ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA**, 2019.

FUKUYAMA, Francis. **O fim da História e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: , 2017. v. 1. 174p

GONZÁLEZ GARCÍA, Eduardo.; GARCÍA MUÑIZ, Alejandro.; GARCÍA SANSANO, Javier. e IGLESIAS

VILLALOBOS, Leire. “DOCE AÑOS DE KIRCHNERISMO EN ARGENTINA”. (2015) In: (Coords.). **Mundos emergentes: cambios, conflictos y expectativas**. Toledo: ACMS. Disponível em: https://acmspublicaciones.revistabarataria.es/wp-content/uploads/2017/05/87.Angelis.Almag_.2015.1032_1046.pdf.

HOCHSTETLER, Kathryn. **Repensando o presidencialismo: contestações e quedas de presidentes na América do Sul**. (2007).

HOROWICZ, Alejandro. **O que é peronismo? e onde se encaixa o kirchnerismo? Sociólogo argentino explica**. 2019. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/eleicoes-na-argentina/2019/11/o-que-e-o-peronismo-e-onde-se-encaixa-o-kirchnerismo-sociologo-argentino-explica/>.

IGNAZI, Piero. **Extreme Right Parties in Western Europe**. New York: Oxford University Press. 2013.

INFOGRÁFICO DA GAZETA DO POVO, 2019. **Esquerda e direita na América do Sul**. Disponível em: <https://infograficos.gazetadopovo.com.br/mundo/esquerda-e-direita-na-america-do-sul/>.

KARAJÁNOVA, Raísa. **RESULTADOS DEL GOBIERNO DE CRISTINA FERNÁNDEZ DE KIRCHNER EN ARGENTINA (2007-2011)**, 2012.

KITSCHOLT, Herbert. and MACGAAN, Anthony. **The Radical Right in Western Europe - A Comparative Analysis**, 1995. DOI: 10.3998/mpub.14501

LATINOBARÓMETRO DAS AMÉRICAS. Disponível em: <http://latinobarometro.org/WVSONline.jsp>

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MAZZOLA, Ricardo Martínez. **Nem populistas, nem conservadores. Dilemas e desafios do socialismo democrático argentino**. TEMA CENTRAL NUSO Nº AGOSTO 2016. Nueva Sociedad.

MOUNK, Yasha. **O povo contra a democracia: Por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la**, 2019. Companhia das

Letras.

NEGRI, Camilo, e MONTE, Lucas Araújo. 2018. **“O ESPECTRO IDEOLÓGICO LATINO-AMERICANO DIANTE DA ASCENSÃO DA DIREITA”**. Abya-Yala: Revista Sobre Acesso à Justiça E Direitos Nas Américas 2 (3), 231-45. <https://doi.org/10.26512/abya-yala.v2i3.23517>.

NETO, Iderley Colombini. **Auge e declínio do “neodesarrollismo” argentino, 2016**. Economia e Sociedade, Campinas, Unicamp. IE OLIVEIRA, Tatiana; BENETTI, Pedro. **As novas direitas sul-americanas: Análise das experiências chilena e colombiana**. Observador On-line, Rio de Janeiro, v. 9. n.1, jan. 2014. Disponível em: http://observatorio.iesp.uerj.br/images/pdf/observador/Observador_OPESA_vol_9_n_1_2014_Oliveira_e_Benetti.pdf. OBJETIVOS DE GOBIERNO. 2015. Mauricio Macri.

PECHENY, Mario Martín. **Restaurações conservadoras na Argentina e no Brasil: o íntimo e o público sob ataque**. Interface (Botucatu) vol.23 Botucatu 2019 Epub June 13, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832019000100401&script=sci_arttext.

PISSÓN. Horacio Martin Melo. **A nova onda conservadora na região: o rumo da Argentina de Mauricio Macri**.

PLAN DE GOBIERNO. 2011. Cristina Kirchner. Frente para la Victoria.

PLAN DE GOBIERNO. 2019. Alberto Fernández. Frente de todos.

RUNCIMAN, David. **Como a democracia chega ao fim**. São Paulo: Todavia, 2018.

SANTOS, Allan Carlos dos. **A espetacularização das eleições contemporâneas na campanha presidencial de Mauricio Macri, 2016**. 85 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Publicidade e Propaganda) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

SICARDI, Ricardo. **El partido peronista y los gobiernos kirchneristas**. Este artículo es copia fiel del publicado en la revista

Nueva Sociedad No 234, julio-agosto de 2011, ISSN: 0251-3552, <www.nuso.org>.

SOUZA, Jamerson Murillo Anunciação de. **Edmund Burke e a gênese conservadorismo**. Serv. Soc. Soc. no.126 São Paulo May/Aug. 2016.

ZOUZA, Jamerson Murillo Anunciação de. **O conservadorismo moderno: esboço para uma aproximação**. Serv. Soc. Soc. no.122 São Paulo Apr./June 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-66282015000200199&script=sci_arttext.

SNYDER, Timothy. 2019. **Na contramão da liberdade: a guinada autoritária das democracias contemporâneas**. São Paulo: Companhia das Letras.

TAVARES, Rui. **Esquerda e direita: guia histórico para o século XXI**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil, 2016.

TELLA, Di Torcuato. **Comparação entre os sistemas políticos da Argentina, do Brasil e do Chile: raízes históricas**. Rev. bras. Ci. Soc. vol.25 no.72 São Paulo Feb. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092010000100002.

VIANA, Nicolle Barbara Limones; BRATILIERE, Karina Alves. **A Onda Rosa e a Onda Azul: uma análise das tendências políticas da América do Sul nas últimas décadas**. Publicado em fevereiro 1, 2018 por pucminasconjuntura.

VITALE, María Alejandra.; MAIZELS, Ana Laura. **El discurso electoral de Cristina Fernández de Kirchner (2007). Un caso de ethos híbrido no convergente**. Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, SC, v. 11, n. 2, p. 337-360, maio/ago. 2011

VOMMARO, Gabriel. **Estado y alianzas..., cuarenta años después. Elementos para pensar el giro a la derecha en Argentina**.

ZAPATA, Antonio. **Pensando a la derecha: historia intelectual y política**. 1ª ed. Lima: Editorial Planeta Perú, 2016.